

**AS TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO PRODUTIVO DA SOJA NO  
MUNICÍPIO DE JÚLIO DE CASTILHOS/RS SOB A  
PERSPECTIVA DOS AGENTES DA ATIVIDADE  
AGROPECUÁRIA<sup>1</sup>**

**TRANSFORMATIONS IN THE PRODUCTION OF SOYBEAN IN  
THE MUNICIPALITY OF JÚLIO DE CASTILHOS/RS UNDER  
THE PERSPECTIVE OF AGENTS OF AGRICULTURAL  
ACTIVITY**

**Monica Cargnin**

Mestre em Geografia, Doutoranda em Geografia/POSGea/Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
monicacargnin@gmail.com

**Meri Lourdes Bezzi**

Profª. Dra. do Programa de Pós-graduação em Geografia e Geociências/CCNE/Universidade Federal de  
Santa Maria  
meribezzi@yahoo.com.br

**Resumo**

O artigo analisa as transformações ocorridas na organização espacial no município de Júlio de Castilhos/RS. Nesse sentido, selecionou-se, para estudo, o seu espaço agropecuário, tendo como preocupação primordial verificar a influência da cadeia produtiva da soja sob a perspectiva dos agentes da atividade agropecuária para o desenvolvimento local-regional. Para a realização da pesquisa, foram efetuadas entrevistas com representantes dos agentes da atividade agropecuária. Pode-se inferir que as modificações ocorridas em Júlio de Castilhos são decorrentes da influência de atores representados pelas esferas políticas, econômicas e sociais, as quais reestruturam o espaço produtivo modificando a paisagem, sendo a esfera econômica a principal responsável pela dinâmica espacial deste recorte espacial. Destaca-se que após a inserção da cultura da soja, no Município, ocorreram reestruturações no setor rural, que são perceptíveis, na paisagem local, principalmente através do processo de despecuarização espacial que cede espaço da pecuária para a agricultura tecnificada através da lavoura empresarial da soja bem como, modifica as relações sociais de trabalho.

**Palavras-chave:** Espaço rural. Júlio de Castilhos/RS. Lavoura empresarial. Agentes da atividade agropecuária.

**Abstract**

The article examines the transformations in the spatial organization of the city of Júlio de Castilhos/RS. Accordingly, it was selected to study its space farming, with the primary concern verify the influence of soybean production chain from the perspective

of the agents of farming for local-regional development. For the research, interviews were conducted with representatives of the agents of farming. It can be inferred that the changes occurring in Júlio de Castilhos are under the influence of actors represented by the political, economic and social, which restructures the productive space by modifying the landscape, and the economic sphere primarily responsible for the spatial dynamics of this spatial area. It is noteworthy that after the insertion of the soybean crop in the city, restructurings occurred in the rural sector, which are noticeable, the local landscape, particularly through the process of changes from livestock to agriculture that makes room for livestock farming technified through farming enterprise soybeans and modifies the social relations of work.

**Keywords:** Rural area. Júlio de Castilhos /RS. Corporate farming. Agents of farming.

### **Introdução**

O contexto histórico de formação do município de Júlio de Castilhos está atrelado à distribuição de terras, através da doação de sesmarias. Portanto, apresenta características típicas desse período, ou seja, a matriz tradicional, baseada na pecuária extensiva com predomínio da grande propriedade. Salienta-se que a pecuária está perdendo espaço, não apenas em termos de produção, mas também, em área, uma vez que o mesmo está sendo transferido para a agricultura gradativamente. Assim, o setor agrário se redesenha, pois as áreas de campo nativo transformaram-se em terras para a lavoura comercial da soja. Através dessa nova cadeia produtiva, o município busca perspectivas de desenvolvimento local e regional e, conseqüentemente, a sua inserção no mercado regional e externo. De acordo com o grau de desenvolvimento técnico e da presença de novos arranjos econômicos, têm-se distintas dinâmicas espaciais.

Nesse sentido, o artigo traz como área de estudo o espaço agropecuário de Júlio de Castilhos/RS, tendo como preocupação primordial analisar a influência dos agentes de suporte ao desenvolvimento da cadeia produtiva da soja na reorganização do espaço produtivo do município.

É importante destacar que a cultura da soja começou a ser cultivada, no estado gaúcho, em áreas de planalto, no qual se localiza Júlio de Castilhos. As potencialidades naturais, como a presença de uma topografia com relevo plano e solos férteis, além de chuvas bem distribuídas o ano todo aliado ao econômico, ou seja, a valorização do grão no mercado internacional contribuiu para a expansão da soja em todo o Rio Grande do

Sul e, especificamente, na Microrregião de Cruz Alta, na qual está inserido o município em análise.

A pecuária, como atividade econômica principal, desde a gênese de Júlio de Castilhos, desenvolveu-se baseada na concentração da terra, expressa através das grandes extensões de terras, ligadas, geralmente, a famílias tradicionais. Para o município, essa atividade, é significativa desde o período que antecede a sua emancipação política e pode ser considerada como um legado de ordem econômica, o que lhe forneceu uma identidade cultural materializada na figura do gaúcho pecuarista.

No entanto, nas últimas décadas, o setor primário vem passando por transformações significativas no seu processo produtivo, principalmente, no que se refere à produção agrícola. O surgimento de outras atividades econômicas de lucratividade mais rápida, a exemplo da cultura empresarial da soja, impulsionada pela demanda do mercado interno e externo, foi responsável por um novo redimensionamento nesse segmento produtivo no Rio Grande do Sul.

Na atualidade, os investimentos em tecnologias e capital, na agricultura, juntamente com o seu direcionamento para as culturas voltadas para o mercado externo, tornaram-na bastante viável e lucrativa. Na pecuária tradicional, o processo de modernização, através do melhoramento do rebanho, ocorre gradativamente. Assim, a agricultura, nos moldes empresariais, pressiona as áreas de pecuária, na forma de arrendamento dos campos.

Na década de 1970, o setor agrário brasileiro passou por um processo de modernização intenso e, foi naquela década, que a cultura da soja ganhou impulso no ramo do agronegócio gaúcho.

Para a realização da análise da dimensão e organização do espaço agrário de Júlio de Castilhos, através da lavoura empresarial da soja, a pesquisa procurou combinar técnicas de coleta de dados qualitativos e quantitativos de fontes primárias e secundárias. Como auxiliar no processo de compreensão da organização do espaço agrário do Rio Grande do Sul e de Júlio de Castilhos, realizou-se levantamento bibliográfico dos referenciais teóricos. Nessa etapa, buscou-se o aprofundamento teórico-metodológico através de bibliografias e dados estatísticos específicos.

Tendo como base a matriz teórica, delineou-se a parte prática da pesquisa. A primeira esteve relacionada à coleta de dados provenientes de fontes secundárias, como dados censitários obtidos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e na Fundação de Economia e Estatística (FEE) referentes aos dados ligados à agropecuária de Júlio de Castilhos. A segunda forma de obtenção dos dados foi a coleta dos mesmos através da pesquisa de campo. Essa pesquisa foi realizada nos meses de julho e de agosto de 2008, com os representantes dos órgãos gestores e empreendedores do Município, como: Secretaria de Agricultura, Turismo e Desenvolvimento Econômico, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Sindicato Rural, Associação Rio-grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Inspeção Veterinária de Júlio de Castilhos, Cooperativa Agropecuária Júlio de Castilhos (COTRIJUC), Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma (CAMNPAL), Fundação Estadual de pesquisa agropecuária (FEPAGRO), Agrodelta Comércio de Cereais e Insumos Agrícolas e Agroscherer. Esses empreendimentos representam e se caracterizam por atuarem diretamente na assistência técnica, prestação de serviços e fornecimento de produtos para o desenvolvimento da atividade agropecuária do município.

O trabalho de campo foi efetivado através da realização de dez (10) entrevistas estruturadas direcionadas a um representante de cada entidade selecionada no município, ou seja, aos agentes envolvidos no planejamento e na assessoria das atividades agropecuárias.

Nesse contexto, a motivação principal desse estudo foi analisar a relação/contribuição dos agentes de suporte ao desenvolvimento da cadeia produtiva da soja, que permitiu a leitura das mudanças ocorridas no espaço agropecuário do Município.

### **A gênese da estrutura fundiária do Rio Grande do Sul**

O Brasil é um dos países em que a estrutura fundiária se caracteriza pelo predomínio da grande propriedade que, na sua maior parte, encontra-se subexplorada. Este cenário do espaço rural brasileiro é resultante dos antecedentes históricos de ocupação do espaço, compreendendo desde o período colonial, através do sistema de doação de sesmarias, implantado pela Coroa Portuguesa, permanecendo na atualidade

---

com outras denominações. Nesse sentido, é necessário resgatar o processo de formação da estrutura fundiária do Rio Grande do Sul para compreender os fatores que foram decisivos para a sua atual configuração fundiária.

A distribuição das sesmarias se iniciou no terceiro decênio do século XVIII, com objetivo principal de garantir a soberania da Coroa Portuguesa. As sesmarias eram terras devolutas de propriedade do governo imperial que, posteriormente, foram distribuídas a famílias com determinado status social (BEZZI, 1985). O beneficiado com o lote de terra, de acordo com a legislação vigente na época, deveria ser alguém que fosse capaz de povoar e defender seus escravos, como os capitães.

Essa forma de organização do espaço é a gênese da pecuária extensiva que, posteriormente, determinaria a base econômica predominante no Estado gaúcho. Desenvolve-se uma pecuária com numeroso rebanho bovino em extensas áreas, onde havia pouca utilização de técnicas para o controle qualitativo dos rebanhos.

Para compreender a formação socioespacial do Rio Grande do Sul, deve-se associar a mesma ao ciclo pastoril<sup>2</sup> e ao ciclo da exploração agrícola<sup>3</sup>. A partir do ciclo pastoril, iniciou-se a doma e a criação de gado bravo em grandes extensões de terras, principalmente pelos paulistas no Estado gaúcho, conforme reforça César, (1979, p.10) “Fazendeiros paulistas, com fome de terra, penetraram pelo Norte, atingiram o Campo do Meio, plantaram suas casas e currais desde o Rio Pelotas até Cruz Alta<sup>4</sup> e São Martinho”.

A expansão da criação de gado em vastas áreas foi favorecida pela abundância das pastagens naturais do Sul do Brasil. Além disso, a forma de organização da propriedade era representada pelas estâncias, cujas origens estão atreladas às sesmarias. Nesse sentido, César (1979, p. 13) enfatiza “De fato, as sesmarias, então doadas a pessoas de posses ou de prestígio, serviram de base à implantação de estâncias, em cujos campos o gado, sob um costeiro antes ignorado, prosperou grandemente”.

Com essa forma de organização da propriedade, criou-se o sistema de criação de gado em extensas áreas em consequência da abundância de pastagens naturais e campos nativos. Assim, a economia do Rio Grande do Sul prosperou, principalmente, com a comercialização dos produtos oriundos da pecuária como o charque e o couro.

Advindo da evolução da economia no campo através da courama, o Estado gaúcho, atravessou por outros ciclos econômicos, com destaque para o ciclo do charque

---

nas áreas denominadas charqueadas. As charqueadas entraram em decadência com a inserção dos frigoríficos estrangeiros, após a Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), reflexo da crise em que a pecuária gaúcha estava passando. Esses, com tecnologia superior aos frigoríficos nacionais, mantinham os preços da carne mais baixos e, além disso, a crise da Bolsa de Nova Iorque em 1929 completou o quadro de dificuldades da pecuária gaúcha (PESAVENTO, 1980). Além desses fatores, deve-se acrescentar que a pecuária gaúcha enfrentava concorrência com outras áreas de pecuária brasileira, aliada à falta de apoio através dos financiamentos, sendo disponibilizados apenas para a agricultura (BEZZI, 1985).

O momento de crise no setor primário representou uma fase de dinamização, tanto da atividade pecuarista, quanto da agrícola. Foi necessário que as mesmas introduzissem formas de produção mais modernas através das inovações tecnológicas exigidas pelo modelo capitalista.

Nesse sentido, Fontoura (2004, p. 242) aponta que a pecuária também passou por processo de modernização para acompanhar a evolução e exigência do mercado, iniciando

A partir da metade dos anos 80, consolidando-se na década de 90, ocorre uma mudança de paradigma na produção pecuária gaúcha, a que chamamos de pecuária empresarial. As variáveis sanidade, manejo, genética e alimentação passam a ser integrados e de forma sistêmica. [...]. A alimentação é fornecida aos animais na forma de melhoramento dos campos, restevras de lavouras como o arroz e soja, formação de pastagens e silagens (fermentação).

A agricultura e a pecuária passaram a se integrar cada vez mais e, ao mesmo tempo, a pecuária também estabeleceu estreitas relações com as indústrias e com os grupos multinacionais através dos frigoríficos, que exigiam melhoramento genético do rebanho para manter a competitividade através do aumento da produtividade (FONTOURA, 2004).

A agricultura, juntamente com a pecuária, passou a desempenhar então a função suplementar para a economia gaúcha, na medida em que fornecia produtos básicos para a alimentação da população. A função de auxiliar a economia, assumida pela pecuária e pela agropecuária colonial, seja através do fornecimento de carnes ou de produtos alimentares para todo o país, demonstrou a sua importância para a economia gaúcha.

---

Com a modernização da agricultura foi possível o aumento da produção e disponibilidade de alimentos para a população (RODRIGUES, 2006).

Por outro lado, a agricultura e a pecuária mantiveram a função de reprodução da força de trabalho. Bezzi (1985, p. 54) afirma que “[...], tanto a lavoura empresarial como a agropecuária colonial sustentam uma parte da reprodução da força de trabalho nacional, o que faz o Estado ser chamado de “Celeiro do Brasil”.

Desde a implantação da lavoura empresarial, houve reformulações nas relações sociais de trabalho. Essas, desde o início, foram pautadas no trabalho assalariado e temporário, diferentemente da pecuária em que o trabalho era assalariado, mas, predominantemente, de forma permanente. Há que se ressaltar que existe também uma diferenciação na quantidade de mão de obra absorvida nessas atividades, cuja necessidade pode estar atrelada ao tamanho da propriedade e ao tipo de trabalho, pois, conforme definição do IBGE, a quantidade de mão de obra necessária para o desenvolvimento das atividades agropecuárias pode ser redimensionada de acordo com as técnicas empregadas e, também conforme a dimensão dos estabelecimentos agropecuários.

No que se refere aos principais conceitos relacionados à dimensão dos estabelecimentos agropecuários, esta é uma tarefa complexa. A área total e o número de estabelecimentos agropecuários variam de um município para outro, devido às desigualdades socioeconômicas dos mesmos. A tendência, para a maioria dos municípios brasileiros, é o decréscimo do número total de estabelecimentos e o aumento da dimensão dos mesmos. O que ocorre normalmente é que os pequenos estabelecimentos, quando não conseguem sustentar-se, economicamente, com rendimentos de sua propriedade, ou arrendam a mesma e trabalham como assalariados, ou então a vendem para os grandes proprietários de estabelecimentos agropecuários.

### **Resgatando e refletindo sobre a modernização da agricultura**

A agricultura, no Estado gaúcho, inicialmente, desenvolveu-se como uma atividade realizada em moldes tradicionais. Integrou-se aos modelos agrícolas tecnificados através das inovações tecnológicas. A inserção de novas técnicas de produção no campo, a denominada modernização da agricultura, possibilitou mudanças significativas no espaço rural. Essas ocorreram não apenas em termos de

---

aperfeiçoamento das técnicas utilizadas, mas também, no incremento da produção e nas novas relações de trabalho que passaram a existir.

As discussões acerca da modernização agrícola foram introduzidas, inicialmente, por Paiva (1975), que a considera sob um enfoque estruturalista, enfatizando as distintas formas de como a mesma iniciou esse processo no setor agrícola. Assim sendo, pode-se mencionar que a modernização iniciou-se através da adoção de algumas técnicas por alguns agricultores, sendo posteriormente largamente difundida através de empresas especializadas.

Resgata-se Paiva (1975 apud CERON; GERARDI, 1984, p. 3), quando o autor menciona que a modernização pode ser entendida como “[...] o processo de melhoria da agricultura pela adoção de técnicas modernas”. Essa melhoria está baseada em um conjunto de fatores, essenciais para o seu desenvolvimento.

Neste contexto, Paiva (1975, p. 123) assinala que a

[...] modernização da agricultura se processa pela difusão de novas técnicas de produção, que, além de mais produtivas (em termos físicos), se caracterizam por serem em geral mais intensivas de capital do que as técnicas chamadas tradicionais, que se apóiam basicamente nos fatores terra e mão-de-obra.

Pode-se dizer então, que a modernização da agricultura foi facilitada pela inserção da técnica de formas diferenciadas no espaço, tendo por objetivo alcançar maior produtividade em termos de volume de produção, assim como em produtividade econômica, medida em valor (PAIVA, 1975).

A inserção da técnica representou, para a agricultura, reformulações na organização do processo produtivo, bem como nas relações de trabalho.

A esse respeito FEE (1978, p. 51), enfatiza que a técnica deve ser entendida como

[...] o processo de execução de uma atividade ou de um conjunto de atividades pertinentes à produção. A técnica pode ser entendida, pois, como, o produto das descobertas científicas que postas em prática, inovam continuamente os métodos de produção.

Compreende-se que a técnica, resultado das inovações científicas, ao ser colocado em prática, modifica e reorganiza os métodos que conduzem o segmento produtivo agrícola. O emprego da técnica interfere nas relações de trabalho (emprego e



---

salário), na ampliação das oportunidades de investimentos e na mudança das relações capitalistas de produção (BEZZI, 1985).

A introdução de técnicas modernas ocorreu em duas fases distintas durante o processo de modernização da agricultura. Esse processo de adoção de técnicas apresentou, basicamente, características microeconômicas que dependem do julgamento do agricultor em adotá-la ou não. Em contraponto, a difusão de técnicas apresenta características macroeconômicas, pois a modernização acontece com um grande número de agricultores, que ao se inserirem nesse novo sistema, passam a depender de outros elementos, como as variações da economia e do mercado em geral (PAIVA, 1975).

A adoção de técnicas modernas, segundo Paiva (1975, p. 124) leva a vantagens, pois “[...] aceita-se que o objetivo básico do agricultor ao substituir técnicas antigas por novas, seja obter uma vantagem econômica, em termos de um aumento de renda líquida”. Assim, a vantagem econômica pode estar atrelada ao aumento da produção e à redução de custos pela inclusão de novas técnicas. A introdução de máquinas como o trator, a plantadeira e a colheitadeira para realizar o trabalho no campo, faz com que haja redução da mão de obra e ganho de tempo para aumentar a produtividade e, conseqüentemente, a produção (PAIVA, 1975).

Na difusão das técnicas modernas, ocorre a inserção de mecanismos de autocontrole que indicam quando se chegou ao grau máximo de modernização. Também, deve-se levar em consideração que existem fatores que limitam, ou desestimulam o processo de modernização, denominado mecanismo de autocontrole, como a queda de preços dos produtos agrícolas, os quais são criados pelo próprio processo de modernização e, o grau máximo de difusão da mecanização. Deve considerar-se que o grau de mecanização pode estar atrelado ao crescimento do setor não agrícola, representado pelas indústrias de beneficiamento, de insumos e de implementos agrícolas, ou pelas políticas de apoio financeiro via sistema de crédito rural (PAIVA, 1975).

Para Tambara (1983, p. 37) “A modernização no setor primário possibilitou o surgimento no Estado de um parque fabril responsável pela fabricação de tratores, colheitadeiras, fertilizantes, defensivos agrícolas, etc.”.

---

Ao processo de modernização da agricultura, está também relacionado ao avanço da industrialização direcionado para o setor agrícola. Esse busca proporcionar a mecanização do campo, que se caracterizou pela substituição da força de trabalho animal e humano, por máquinas e novas técnicas de plantio e de colheita mais sofisticados, havendo investimentos de capital em máquinas, insumos e biotecnologia (TAMBARA, 1983).

Além da dependência, as indústrias e as empresas de comercialização que detêm e controlam o comércio mundial de grãos, o setor agrícola necessita de apoio financeiro, que ocorre geralmente via políticas de crédito rural. Nesse sentido, o crédito rural é o suprimento de recursos financeiros, através do Banco do Brasil, bancos privados e cooperativas de crédito para a aplicação nas atividades rurais. Os valores concedidos estão correlacionados de acordo com as finalidades e com as condições do produtor rural.

Ressalta-se que, o crédito rural, aparentemente, facilitou para o produtor agropecuário a aquisição de tecnologias através de novos equipamentos e insumos para a produção, permitindo, dessa forma, a modernização de todo o processo produtivo.

Por outro lado, o crédito rural, via financiamentos, foi o responsável pelo endividamento e pela decadência econômica de muitos produtores. A renda agrícola, pouco expressiva e negativa, em alguns locais, devido às alterações nas condições do tempo, seja por períodos prolongados de seca, seja enchentes, por vezes acompanhadas de tempestades de granizo, entre outras intempéries, limita a produção e levam o produtor a ficar sem condições para saldar parcelas de financiamentos para investimentos, dando prioridade ao pagamento do custeio da atividade.

Com o intuito de minimizar a falta de crédito rural, Marafon (1998, p.132) lembra que foram criadas novas instituições de crédito, “[...] foi fundado em 1981, no Rio Grande do Sul, o Sistema de Crédito Cooperativo – SICREDI, com a participação de 58 cooperativas gaúchas, que evoluiu das antigas caixas rurais e cooperativas de crédito rural [...]”.

Através do Sistema Nacional de Crédito Rural, a modernização da agricultura passou a ser definitivamente implementada através da aquisição e uso de máquinas e insumos modernos na produção agrícola.

---

Com o avanço da modernização no Rio Grande do Sul, ocorreu o que Hassler (2006, p. 139) denomina de industrialização do campo ou industrialização da agricultura, “Esse fenômeno se expressa no fato de a agricultura, enquanto setor produtivo, se tornar uma atividade empresarial crescente, ao mesmo tempo em que se transforma num mercado de máquinas e insumos modernos produzidos pela indústria”.

Pode-se dizer, então, que, o setor agrícola, através da industrialização, passou a incorporar novas tecnologias em seu processo produtivo, criando certa dependência com esse, pela necessidade do uso de maquinários, de fertilizantes, de insumos químicos, de assistência técnica, dentre outros.

A industrialização da agricultura ocorreu dentro de um sistema econômico globalizado e inserido em um conjunto de elementos inter-relacionados, o que Brum (1988) e Marafon (1998) denominam de “Complexo Agroindustrial (CAI)”.

Para Müller (1987, p 131), “[...] a constituição do CAI é produto da modernização e atualmente, a manutenção e expansão do CAI, constituem-se no principal vetor da modernização”. Desse modo, a modernização da agricultura continua a ocorrer via o processo de agroindustrialização criado pelo Complexo Agroindustrial.

Nesse contexto, todos os elementos que compuseram a evolução da modernização agrícola, desde os fatores iniciais discutidos por Paiva (1975) até os atuais, resultantes da evolução do meio técnico-científico, como a fase da biotecnologia em que o setor rural está inserido, apresentaram e continuam representando significativa importância para a evolução da modernização da agricultura e, conseqüentemente, para a economia brasileira.

É importante destacar que o processo de modernização, caracterizado pelo emprego de mecanização, tecnologia e insumos agrícolas, não representa um modelo ideal de desenvolvimento. De um lado, os produtores têm a preocupação com o aumento da produtividade, mas de outro poucos se preocupam com os impactos negativos, como a liberação de mão de obra do meio rural, a qualidade dos produtos e a contaminação dos recursos naturais e da saúde humana e animal, decorrentes, principalmente, da utilização expressiva de agrotóxicos.

### **A dinâmica do Complexo Agroindustrial da soja**

Nas últimas décadas, a agricultura brasileira passou por significativas reestruturações, no que se refere às atividades agrícolas, alterando o modo de produzir e organizar os mercados. Com a evolução da economia, através do capitalismo, mudou-se a organização do espaço agropecuário para um processo mais dinâmico determinado pelos Complexos Agroindustriais (CAIs). A instalação dos CAIs favoreceu a expansão e a modernização da lavoura empresarial da soja no Rio Grande do Sul.

Com o desenvolvimento dos CAIs, houveram mudanças na divisão da força de trabalho, nas formas de trabalho e, principalmente, na organização e controle das unidades de produção no espaço agrário. A agricultura, aliada ao processo de industrialização, permitiu a formação de vários ramos industriais de acordo com a produção agrícola, tendo como exemplo a produção de soja diretamente relacionada ao Complexo Agroindustrial brasileiro. Compreende-se que, ao substituir a economia natural pela produzida pelo homem, ocorreu a industrialização da agricultura, ou seja, a reprodução artificial das condições naturais para a produção agrícola (GRAZIANO DA SILVA, 1998 e MÜLLER, 1987).

Nesse contexto, o Complexo Agroindustrial se diferencia de outros complexos de atividades por considerar a agricultura em seu sentido amplo, desde o plantio até o beneficiamento da produção, pois para Müller (1987, p. 130) “[...] o CAI é uma unidade de análise, na qual a agricultura se vincula com a indústria de dupla maneira: com a indústria de máquinas e insumos que tem na agricultura seu mercado e com a indústria processadora de matérias de origem agrícola”.

Considerando o processo de vinculação da agricultura ao CAI, pode-se verificar uma indústria voltada para a agricultura, fornecendo insumos e maquinários agrícolas. Por outro lado, a agroindústria, na qual a agricultura passa a ser fornecedora de matéria-prima.

No contexto da organização do Complexo Agroindustrial, a agropecuária capitalista apresenta-se dependente da indústria em dois sentidos. De um lado, o setor agropecuário encontra-se subordinado às indústrias que produzem os elementos básicos para o seu desenvolvimento; de outro, as indústrias de beneficiamento e empresas de comercialização, que controlam os preços pagos aos produtos para os produtores agrícolas.

---

Quando se verifica uma ampla dependência da agricultura em relação à indústria, pode-se dizer que está ocorrendo à industrialização da agricultura. Por outro lado, ao ocorrer interdependência entre a agricultura e a indústria processadora, então começa o processo de agroindustrialização (MÜLLER, 1987). Todo esse processo de dependência e interdependência é que mantém o tripé básico para sustentar o Complexo Agroindustrial.

A interação entre a indústria e a agricultura representa o dinamismo que envolve a organização do Complexo Agroindustrial, que está pautado na mudança estrutural do padrão agrário moderno estabelecido pela industrialização no campo.

Verifica-se a inter-relação que as atividades agrárias mantêm com as indústrias a montante e a jusante, que podem ser observadas na configuração produtiva do Complexo Agroindustrial da soja.

Marafon (1998, p. 51) destaca que “Vários agentes sociais, milhares de produtores rurais, empresas, sistema financeiro, cooperativas, etc., interagem no sentido de propiciar a produção e dinamizam o Complexo Agroindustrial Soja”.

Para o entendimento do Complexo Agroindustrial, Marafon (1998) considera o “macro” e o “micro” Complexo Agroindustrial. Para o autor o “macro” Complexo Agroindustrial abrange desde o complexo industrial até o complexo agroindustrial. Já o “micro” seria aquele formado pelos complexos rurais e pelos complexos agroindustriais.

Entende-se que, tanto para o “macro”, quanto para o “micro” Complexo agroindustrial, o setor agropecuário é central a todo esse processo de industrialização e desenvolvimento da agricultura.

Nesse sentido, neste novo padrão de organização das atividades no setor agrário, a cultura da soja se insere, consolidando o “complexo soja”, que se concretizou na década de 70. De acordo com Mazzali (2000, p. 67), o “[...] complexo soja foi favorecido por dois grandes fatores [...] a) a presença de uma conjuntura internacional extremamente favorável e, b) a intervenção marcante do Estado em todas as fases da cadeia produtiva da soja”.

Para o agronegócio da soja, é necessária uma infraestrutura composta pelos serviços de apoio que apresentam conexão com o agricultor. Estes são os serviços agrônômicos, pesquisa e desenvolvimento (P&D), os serviços bancários, marketing,

vendas, transporte (via rodovias, ferrovias e hidrovias), armazéns através das cooperativas ou empresas cerealistas particulares, os portos necessários para o escoamento da exportação de grãos, assistência técnica, bolsa de valores que direciona o agronegócio da soja, entre outros serviços.

As cooperativas, em especial, passaram a atuar no ramo do agronegócio como um facilitador no processo de industrialização do rural, tanto da sua produção agrícola quanto do fornecimento de sementes, de fertilizantes e de defensivos. Além disso, as cooperativas seriam as principais responsáveis pela implantação da infraestrutura de armazenagem, de transportes e de comercialização da produção (HEIDRICH, 2000).

Ao se observar a estrutura e o funcionamento do agronegócio, esse nos induz pensar a cadeia produtiva de forma competitiva e também refletir sobre a produção agrícola não de forma isolada. Deve-se considerar que, a maioria das empresas envolvidas no agronegócio, são multinacionais, exercendo grande poder de barganha tanto nos insumos como também na comercialização dos grãos (MEGIDO; XAVIER, 2003).

Desse modo, as cooperativas constituem-se na principal conexão entre os produtores rurais e as empresas multinacionais, no que se refere ao recebimento de grãos, à comercialização dos mesmos e, ao fornecimento de insumos, de fertilizantes, de defensivos agrícolas e de sementes.

**Quadro 1 – Esquema das interações no Complexo Agroindustrial Soja.**



Fonte: Marafon (1998, p. 55).

No quadro 1, estão representados os fluxos presentes no Complexo Agroindustrial Soja. Quanto aos fluxos a montante, encontram-se as etapas das tomadas de decisões que, geralmente, ocorrem nos centros econômicos e políticos do país e os investimentos, para obter recursos financeiros destinados à lavoura da soja. Pode-se considerar também, nessa etapa, o monitoramento do mercado interno e externo desta cultura. Nos fluxos necessários à produção, encontram-se os insumos (máquinas agrícolas, fertilizantes e defensivos) (MARAFON, 1998).

No momento em que o agricultor toma a decisão de plantar soja, adquire os insumos necessários, realizando financiamento ou não, após faz a colheita da soja. A partir desse momento, os fluxos (a jusante) do Complexo Agroindustrial se direcionam das áreas de produção para as unidades de esmagamento e/ou processamento, comercialização e distribuição para o mercado interno ou externo. Quando ocorre o beneficiamento da soja, resulta o óleo bruto, que é transformado em refinado para o consumo humano, ou ainda, processado em outros produtos alimentícios e o farelo que é o resíduo destinado para ração animal. (MARAFON, 1998).

Atualmente, a integração indústria-produtor de soja está em processo de crescimento, favorecida pelas descobertas da ciência relacionada à utilidade do óleo da

---

soja, dentre elas a produção do biodiesel. Esse, após processos de beneficiamento, é adicionado ao combustível tradicional usado nos transportes e maquinários agrícolas. O biodiesel veio fortalecer o mercado para a produção da soja, que está cada vez mais valorizado entre as *commodities* brasileiras e se destacando entre os recursos renováveis. O fator preço da saca de soja faz com que os produtores reorganizem seus espaços produtivos substituindo, em parte, outros cultivos agrícolas pela soja, ou ampliando o plantio para novas áreas destinadas principalmente à criação de gado de corte.

**As modificações em Júlio de Castilhos decorrentes da cadeia produtiva da soja sob a perspectiva dos agentes da atividade agropecuária.**

As modificações que ocorrem em Júlio de Castilhos são decorrentes da influência de atores representados pelas esferas políticas, econômicas e sociais, as quais reestruturam o espaço produtivo, modificando a paisagem através das suas ações, sendo o fator econômico o maior responsável por tais dinâmicas espaciais.

Na visão dos agentes da atividade agropecuária<sup>5</sup>, foi unânime a afirmação da concepção de que a agricultura é a atividade predominante no Município, por razões econômicas. Essa se inseriu em áreas da pecuária, pois a rentabilidade da agricultura é superior e com retorno mais rápido com a lavoura de soja. Essa, desde o seu plantio até a colheita, permite retorno econômico no prazo de seis meses. Enquanto que, para o pecuarista, desde o nascimento do boi até a sua venda, o tempo é bem superior, em média 18 meses. Esse fato, aliado aos fatores de adequação climática para a agricultura e topografia que permite a mecanização é demonstrada na decisão dos agropecuaristas em ampliar as áreas agrícolas (TRABALHO DE CAMPO, 2008).

De acordo com um entrevistado de determinada entidade “[...] foi assim que 90% das áreas de campo se transformaram em lavoura. O mercado mundial impulsionou esse processo, através da disponibilidade de grande linha de crédito que implicou na inflação dos arrendamentos, que era, inicialmente, de sete sacas de soja por hectare e passou para quinze sacas por hectare.” Além do aumento exagerado dos arrendamentos, do mesmo modo, houve inflação do preço do hectare de terra, com maior valorização para áreas agricultáveis com mecanização (TRABALHO DE CAMPO, 2008).



---

Mesmo o Município sendo tradicionalmente pecuarista e, inicialmente, oferecendo resistência à entrada da lavoura de soja, esta conquistou o maior espaço agricultável, o qual se reflete na economia local/regional. O município, na visão de alguns entrevistados se tornou essencialmente agrícola. Como exemplo, cita-se a COTRIJUC – a qual recebe a maior produção de grãos local e movimenta 70% da renda total do município.

Outro entrevistado destaca que já havia cultivo de soja a partir de “[...] fins da década de 1950 e início de 60 e, na década de 70, foi o auge, com grande aporte de recursos da FEPAGRO, EMATER na “operação tatu” (investimento pesado na correção de solo, terraceamento, dentre outros). Entrou como opção de renda, existia mercado e isso incentivou a criação de cooperativas, como opção de plantar no verão, pois no inverno era plantado o trigo” (TRABALHO DE CAMPO, 2008).

A cultura de soja começou a conquistar espaço significativo no município na década de 70, como alternativa para complementar a cultura do trigo através dos incentivos via financiamentos (binômio trigo x soja). Nesse período, década de 70, a triticultura castilhense atravessava momento de frustração de safra, a lavoura de soja surgiu como alternativa para o período de verão. Posteriormente, a soja tornou-se a principal atividade agrícola pelo rápido retorno econômico e por ser menos suscetível às instabilidades climáticas e de mercado e o trigo relegado como a lavoura secundária do município.

Do mesmo modo que se consolidou o binômio trigo-soja, o consórcio agricultura e pecuária também apresentam bases sólidas. No entanto, essa parceria modificou a proporção das atividades, pois Júlio de Castilhos deixou de ser referência em criação de bovinos, passando a caracterizar-se como município invernador da pecuária de corte nas lavouras temporárias. Essa transformação foi motivada pela expansão da lavoura empresarial de soja, que passou a disponibilizar parcialmente as lavouras para a fase de engorda de gado em determinadas épocas do ano, por exemplo, no inverno.

Na visão de outro entrevistado, “A agricultura está se modernizando, paralelamente está ocorrendo um fenômeno novo que é a profissionalização dos agricultores, os quais estão mais atentos às novas tecnologias e informações. Através dessas, consolidou-se o sistema de plantio direto. Ocorreram investimentos em

armazenagem na propriedade, modernização do parque de máquinas, aumento dos índices de produtividade, assim, a agricultura mudou a estrutura do município da atividade pecuarista para a agrícola” (TRABALHO DE CAMPO, 2008).

A profissionalização dos agricultores é um fator determinante e resultante das exigências implícitas pelo mercado externo, ou seja, não é suficiente apenas alta produtividade, mas também apresentar qualidade para que a agropecuária consiga competir no mercado internacional. Assim, a profissionalização dos agropecuaristas se estende desde a qualificação pessoal universitária e técnica dos mesmos, observado nas afirmações dos produtores, até a busca por informação, por orientação técnica específica e na modernização dos implementos agrícolas utilizados nos estabelecimentos.

Recentemente, os produtores têm buscado inserir, gradativamente, nos seus estabelecimentos, a agricultura de precisão, que visa maximizar os investimentos nos insumos agrícolas, evitando o desperdício e perdas econômicas (Fotografia 1).



Fotografia 1 – (E) Trator com distribuidor de fertilizantes agrícolas para agricultura de precisão, (F e G) aparelhos acoplados ao trator que direcionam a distribuição dos insumos agrícolas.

Fonte: Trabalho de campo, 2008.

Org.: CARGNIN, M.

---

A agricultura de precisão consiste em um novo sistema técnico constituído de computadores, sensores e satélites, presente em alguns maquinários agrícolas, para aplicar em quantidade exata fertilizantes, defensivos e água. É a difusão por pontos e manchas em um novo meio geográfico rural, caracterizado pela presença de seus conteúdos de técnica, ciência e informação. Muda a composição técnica das áreas rurais e altera ao mesmo tempo, a sua organização socioespacial impulsionada pelas novas biotecnologias (ARAÚJO; MAGNOLI, 2005).

A tecnologia utilizada, em algumas propriedades, é de última geração. Os dois recortes de imagens demonstradas, na fotografia 1, evidenciam o nível técnico dos equipamentos utilizados por empresas que prestam serviço de agricultura de precisão, para assistência dos produtores. Depois de realizado o mapeamento da área, o mesmo orienta o produtor na distribuição de fertilizantes ou corretivos nas quantidades necessárias para cada particularidade de solo na sua propriedade.

Outro fato a ser destacado, é que a maioria dos entrevistados, das entidades administrativas enfatizou que a lavoura empresarial da soja ocupa espaço da pecuária extensiva e, ao mesmo tempo, revitalizou o município. Foi unânime a afirmação de que houve redução de áreas para a pecuária. E essa para manter o seu efetivo de rebanhos necessitou modernizar-se, ou então, buscou alternativa através da reestruturação via pecuária leiteira.

As transformações no espaço rural forçaram a reorganização da distribuição da mão de obra permanente e temporária. Para alguns entrevistados a mão de obra permanente diminuiu, considerando que a agricultura modernizou-se. Por outro lado, houve aumento de empregados permanentes em estabelecimentos urbanos ligados diretamente à atividade agrícola, por exemplo, nos armazéns de grãos e de insumos. A afirmação desses entrevistados pode ser reforçada com os dados do IBGE, que demonstram a diminuição da mão de obra permanente e temporária em determinados períodos em Júlio de Castilhos.

No período de 1940 a 1985, houve crescimento do número de empregados permanentes, com exceção do período de 60 e 75, quando ocorreu um decréscimo dos mesmos. O ano de 1995 apresentou diminuição significativa nos empregos permanentes em relação às duas últimas décadas, devido ao grande número de estabelecimentos que

---

aderiram ao sistema plantio direto, com maquinários modernos o que dispensou parte dos empregados permanentes. O decréscimo no número de pessoas ocupadas nas atividades rurais é consequência da intensa mecanização da lavoura e da diminuição da pecuária, necessitando menos mão de obra. Com a expansão da agricultura em detrimento da pecuária, a redução da mão de obra permanente foi mais brusca em relação à temporária.

As transformações no município acompanham as alterações ocorridas no espaço rural. Dessa forma, a reestruturação das infraestruturas foi necessária para dar suporte ao desenvolvimento rural. É visível, no município, o aumento das unidades de recebimento de grãos (cooperativas e particulares), silos nos estabelecimentos agropecuários e, também a melhoria da conservação das estradas. Na zona urbana, as modificações podem ser percebidas na ampliação e fortalecimento do comércio e, conseqüentemente, da economia do município.

As atividades desenvolvidas, no espaço urbano, estão diretamente envolvidas com a produção agropecuária, pois a cidade é dependente economicamente do setor primário, que é o principal responsável pela geração de grande parte dos recursos existentes no município. O desenvolvimento da economia urbana é resultante do sucesso ou do fracasso das atividades no espaço rural.

Considerando-se que a relação de reciprocidade entre os dois segmentos produtivos, espaço rural e urbano é, também, estabelecida pela oferta de mão de obra, que, às vezes, não possui a qualificação que demanda na lavoura empresarial tecnificada e na pecuária leiteira.

Outro entrevistado ressalta sobre o avanço da lavoura da soja “A euforia é grande por parte dos agricultores, ainda tem áreas para a expansão da lavoura empresarial da soja, mas são limitadas”. Pode ser considerado que o momento atual representa o “ciclo da soja” com grandes resultados de produção de grãos devido a demanda para a extração de biocombustíveis no Brasil.

A visão dos entrevistados, enfatizando a expansão da lavoura empresarial de soja, também está de acordo com o depoimento do entrevistado anterior, considerando que, com a utilização das áreas aptas para a agricultura (com uso de mecanização), os espaços remanescentes continuem com a pecuária. Dessa forma, **nos** períodos em que há frustração na lavoura de soja, a pecuária contribui como complemento econômico.

---

O papel desenvolvido pelas cooperativas agrícolas é fundamental, pois é através delas que se iniciou o recebimento e a comercialização da produção agrícola. Por meio delas, o agronegócio brasileiro conquista novos mercados nacionais e internacionais.

Assim, a maior parte da produção agrícola castilhense é depositada nas cooperativas do município e nas empresas agropecuárias privadas. A principal cooperativa do município, COTRIJUC, fundada em 1950, época em que a triticultura era significativa economicamente. Na atualidade, ela é responsável pelo recebimento da maior parte da produção de soja no município. As cooperativas e as empresas agropecuárias são agentes dinamizadores para a economia local, pois oferece suporte ao agronegócio, um dos elementos básicos para manter a cadeia produtiva da soja.

Dentre os motivos da instalação das cooperativas e empresas agropecuárias, em Júlio de Castilhos foi enfatizada, por um dos entrevistados, que a revitalização das mesmas foi devido à oportunidade de negócio que elas possibilitam, considerando a produção agrícola local. Desse modo, as mesmas buscam expandir a área de atuação em recebimentos de grãos. Considerando a importância das cooperativas que exercem papel decisivo também como entidade organizada, pois é através delas que os produtores rurais conseguem melhores preços pela produção agrícola depositada nelas, além de garantia de negócio e armazenagem dos produtos.

O maior percentual de empresas agropecuárias privadas é de sócio-fundadores (agropecuaristas) do Município que se dedicaram a atividade por possuírem formação técnica específica como técnicos agrícolas, agrônomos, veterinários, entre outros profissionais.

A instalação das empresas agropecuárias e cooperativas ampliou a demanda por mão de obra permanente, especializada ou não. Salienta-se que, em época de plantio e na safra, as contratações temporárias se ampliam. As empresas agropecuárias privadas amostradas empregam, em média, de 12 a 14 pessoas com trabalho permanente. De acordo com os representantes de cooperativas, essas possuem de 200 a 260 postos de trabalho permanente. Tal fato reestruturou as relações de trabalho no município, considerando que aumentou a demanda de mão de obra em estabelecimentos agropecuários e, da mesma forma, no espaço urbano em estabelecimentos que fornecem assistência à atividade rural (TRABALHO DE CAMPO, 2008).

Dentre as principais atribuições das cooperativas e empresas agropecuárias, está a geração de postos de trabalho diretos e indiretos, da infraestrutura de silos para armazenamento e comercialização de grãos. Além disso, elas trabalham como facilitadoras ao acesso de insumos agrícolas, oferecendo qualificação aos funcionários, buscando inovações tecnológicas e apóiam a organização de feiras locais/regionais, visando o desenvolvimento da agropecuária de Júlio de Castilhos.

Para os representantes das cooperativas e empresas agropecuárias, a soja assume o maior volume de produção depositada pelos produtores rurais e, conseqüentemente, também consideram o setor de comercialização de grãos o mais importante pela certeza de liquidez do negócio.

As cooperativas, além do recebimento da produção da soja, do milho e do trigo recebem, em menor percentual, produtos como aveia e feijão preto. A produção de soja, entregue nas cooperativas, destina-se à exportação, principalmente para a China e países da União Européia. O trigo e o milho são responsáveis por abastecer o mercado interno na produção de farinhas e de ração.

Os representantes das cooperativas e das empresas agropecuárias amostradas destacaram que a expansão da atividade agrícola foi favorecida pela potencialidade natural e pelo mercado internacional. O resultado dessa reorganização econômica foi o aumento significativo de renda que circula no município, concentrando no espaço rural a geração do maior Produto Interno Bruto (PIB) em relação ao setor urbano. Conseqüentemente, o desenvolvimento da agricultura se reflete no espaço urbano com aperfeiçoamento das infraestruturas de suporte à agricultura, geração de postos de trabalho e, do bem estar da população. Houve fortalecimento no comércio agrícola e não agrícola com ampliação das inovações tecnológicas.

Também foi mencionado que a expansão da lavoura de soja é decorrente do aumento do consumo de alimentos pela população mundial, principalmente pela demanda da proteína da soja na alimentação humana. Foi identificado que o desenvolvimento da lavoura empresarial da soja, em Júlio de Castilhos, apresenta áreas bastante limitadas e a pecuária vai continuar nos espaços que não podem ser utilizados pela agricultura mecanizada. Outras culturas temporárias relativamente novas se inseriram na agricultura

com pouca aceitação dos produtores, por exemplo, o girassol e a canola. Além disso, são culturas mais vulneráveis às instabilidades climáticas e de mercado.

Como se pode perceber, a inserção da lavoura de soja no espaço agropecuário gerou uma nova dinâmica no Município, reorganizando-o ao longo do tempo. As transformações iniciaram-se pela reorganização da agricultura e da pecuária. Aprimorou-se a infraestrutura para fornecer suporte a essa nova dinâmica, via melhoramento de estradas para facilitar os transportes, uma vez que o maior escoamento da produção local ocorre por rodovias e apenas um pequeno percentual é realizado por via férrea. A ampliação de silos na sede do município ou no próprio estabelecimento aumentou a capacidade de armazenamento de grãos. Como consequência do processo de reorganização espacial, juntamente com a modernização na agropecuária, a exigência por mão de obra mais qualificada também foi necessária.

Paralelamente, o espaço urbano também se reestruturou. Este se tornou mais dinâmico com a inserção de estabelecimentos comerciais voltados para a agropecuária, aumentando a presença de corretoras de imóveis rurais que redirecionam a compra/venda de terras. O granjeiro passa a estar mais presente, pois, anteriormente, predominava no meio rural, o pecuarista. A paisagem rural se transforma. Onde a pecuária era hegemônica, nos grandes estabelecimentos, atualmente esses ainda permanecem, mas com um cenário transformado através da sojicultura consorciada com a pecuária.

### **Considerações finais**

A produção da leguminosa soja apresenta uma importante função no desempenho econômico do Rio Grande do Sul e intensa influência no mercado mundial, que vem ocupando lugar de destaque na produção nacional. Para alguns municípios gaúchos, a produção e a industrialização do grão garantem a sobrevivência e o desenvolvimento de famílias, tanto do segmento rural, quanto do urbano, sendo considerada para esses uma nova moeda, “a saca de soja”, amplamente utilizada na compra de terras e de maquinários agrícolas. Foi também a cultura da soja a principal responsável pela introdução do conceito de agronegócio, no contexto nacional.

O cultivo da soja representa uma importante atividade para a economia de Júlio de Castilhos. Sua produção, inserida nos moldes da tecnologia de ponta e, sua consequente

---

industrialização possibilita o desenvolvimento econômico do produtor e de sua família e dinamiza a economia local/regional. Atualmente, os produtos da soja têm adquirido grande valor comercial no mercado e vem conquistando gradativamente o paladar do consumidor.

Outro fator relevante a ser considerado para a expansão agrícola, no município, é o papel fundamental das cooperativas, sendo responsáveis pelo suporte técnico, armazenamento e comercialização da produção, existindo desde a implementação das lavouras de trigo no município até a atualidade, com a inserção da cultura da soja.

O desenvolvimento da agricultura local baseia-se na utilização das inovações técnica, científica e informacional, permitindo uma maior facilidade no manejo das culturas agrícolas, com redução de custos para a sua implantação e maior rapidez nos retornos financeiros. A modernização dos equipamentos agrícolas, as técnicas de plantio, adubação e correção do solo através da agricultura de precisão, aliado à profissionalização do agricultor, explica os grandes avanços técnicos da agricultura em Júlio de Castilhos.

Para dar suporte a evolução da agricultura, destaca-se a importância das políticas de crédito rural através das linhas de financiamentos e do apoio técnico prestado pelas cooperativas agropecuárias e pelas empresas privadas existentes no Município.

Nesse contexto, o espaço urbano compõe a base de vinculação da agropecuária de Júlio de Castilhos ao Complexo Agroindustrial, pois é nesse espaço que ocorrem as negociações de aquisição de maquinários, de insumos agrícolas, e de crédito rural. Por outro lado, no urbano ocorre o armazenamento e venda da produção agrícola nas cooperativas e/ou nas empresas privadas para posterior encaminhamento dos grãos às indústrias de transformação.

Portanto, os principais agentes da reorganização do espaço agropecuário local, dando suporte ao desenvolvimento do agronegócio da soja, que também compõe o Complexo Agroindustrial da soja, a saber: os produtores rurais, a indústria (a montante e a jusante), o sistema financeiro, as cooperativas e as empresas agropecuárias privadas, através de suas interações para a produção de soja foram os responsáveis por significativas mudanças econômicas, sociais e espaciais em Júlio de Castilhos. Assim, desde a inserção da cultura da soja no Município ocorreram reestruturações no setor rural que são perceptíveis, na atualidade, principalmente, através do processo de despecuarização espacial com ascensão da agricultura tecnificada através da lavoura empresarial.



## Notas

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir da dissertação defendida no ano de 2009: “A reorganização do espaço agrário de Júlio de Castilhos/RS: Uma nova dinâmica através da lavoura empresarial da soja”, PPGGEO-UFSM, Santa Maria.

<sup>2</sup> Ciclo pastoral ocorrido no interior do Rio Grande do Sul, enquanto o ciclo da exploração agrícola intensiva se desenvolveu predominantemente no litoral e inicialmente implantado em pequenas propriedades (CÉSAR, 1979).

<sup>3</sup> O ciclo pastoril esteve relacionado à forma de organização agropastoril, baseada na pequena propriedade com trabalho familiar e produção destinada principalmente para o consumo próprio (KÜCHEMANN, 1980).

<sup>4</sup> O município de Júlio de Castilhos neste período pertencia ao município de Cruz Alta/RS, sendo que sua emancipação ocorreu em 1891 (Costa, 1991).

<sup>5</sup> Os principais agentes da atividade agropecuária que contribuíram para a leitura da reorganização espacial de Júlio de Castilhos são: EMATER/Ascar, COTRIJUC – Cooperativa Agropecuária, CAMNPAL, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Júlio de Castilhos, Sindicato Rural de Júlio de Castilhos, Secretaria de Agricultura, Turismo e Desenvolvimento Econômico, Inspetoria Veterinária de Júlio de Castilhos, Agrodelta e FEPAGRO.

## Referências

ARAÚJO, Regina; MAGNOLI, Demétrio. **Geografia: A construção do mundo**. São Paulo: Moderna, 2005. 608p.

BEZZI, Meri Lourdes. São Borja, **Transformações no Espaço Agropecuário: O Processo de Despequarização**. 1985. 222f. Dissertação (Mestrado em Organização do Espaço) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1985.

BRUM, Jacob Argemiro. **Modernização da agricultura: trigo e soja**. Ijuí: Vozes, 1988.

CÉSAR, Guilhermino. Ocupação e diferenciação do espaço. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (Org.). **RS: Economia & política**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, p 7 – 28, 1979.

FONTOURA, Luiz Fernando Mazzini. A produção social do espaço agrário. In: VERDUM, Roberto; BASSO, Luiz Alberto; SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes (Org.). **Rio Grande do Sul paisagens e territórios em transformação**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, p. 233 – 246, 2004.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **25 anos de economia gaúcha: A agricultura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da FEE, v. 3, 1978.

GRAZIANO DA SILVA, José. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1998. 217p.

\_\_\_\_\_. **Tecnologia e Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.

---

HASSLER, Márcio Luís. Passo Fundo/RS e a expansão da cultura da soja no Planalto rio-grandense. **Revista Perspectiva**. Erechim, v. 30, n. 109, p. 123 – 132, mar. 2006.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Além do latifúndio: Geografia do interesse econômico gaúcho**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

MARAFON, Gláucio José. **A dimensão espacial do complexo agroindustrial soja no estado do Rio Grande do Sul**. 1998. 225f. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

\_\_\_\_\_. Industrialização da agricultura e formação do complexo agroindustrial no Brasil. **Geo UERJ Revista do Departamento de Geografia**, UERJ, RJ, n. 3, p. 7 – 21, jun. 1998.

MAZZALI, Leonel. **O processo recente de reorganização agroindustrial: Do complexo à organização “em rede”**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000. (Coleção Prismas/PROPP). 175p.

MEGIDO, José Luiz Tejon; XAVIER, Coriolano. **Marketing & Agribusiness**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 334p.

MÜLLER, Geraldo. A economia política gaúcha dos anos 30 aos 60. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (org.). **Economia & política**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 358 – 402.

PAIVA, Ruy Miller. Modernização e dualismo tecnológico na agricultura: Uma reformulação. In: **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 5, n. 1, jun., Rio de Janeiro, p. 117 – 161, 1975.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **RS: A economia & poder nos anos 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. (Série Documenta, 7).

RODRIGUES, Aline de Lima. **O latifúndio no Rio Grande do Sul, velhas formas na funcionalidade de novos atores econômicos na Microrregião Geográfica da Campanha Central**. 2006. 146f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

TAMBARA, Eleomar. **RS: Modernização & crise na agricultura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983 (Série Documenta, 16). 95p.

Recebido em 22/11/2012 Aceito para publicação em 11/02/2013.
---